



ALOPECIA POR DILUIÇÃO DA COR EM *YORKSHIRE TERRIER*: relato de caso

Maíra Ferreira França MARTINS¹; Maiara Ferreira França MARTINS¹; Emily Souza Cunha CÂNDIDO²; Leticia Aparecida da SILVA²; Luana Berbe POVRESLO²; Diana Cuglovici ABRÃO³

RESUMO

A Alopecia por Diluição da Cor é uma dermatopatia hereditária incomum que acomete cães de raças em que foram realizados cruzamentos com intuito de incluir novas cores de pelagens por meio da diluição da cor preta ou marrom. O diagnóstico é baseado no histórico clínico associado a exames como tricograma e histopatológico. Contudo, são necessários exames adicionais para exclusão de diagnósticos diferenciais. Apesar da característica atípica, a alteração não compromete a qualidade de vida do cão. O objetivo deste trabalho é relatar um caso de Alopecia por Diluição da Cor em um cão da raça *Yorkshire Terrier*. Foi atendido em uma clínica particular, um canino, fêmea, com 5 anos de idade que apresentava alopecia completa em região de dorso, acometendo apenas a pelagem de coloração preta. Mesmo não sendo realizado o diagnóstico histopatológico, baseado no histórico clínico e resultados negativos nos exames de tricograma, raspado cutâneo, citologia por *imprint* e cultura fúngica, conclui tratar-se da Alopecia por Diluição de Cor.

Palavras-chave:

Dermatologia; Canino; Diagnóstico, Displasia Folicular Ligada à Cor; Alopecia de Cor Mutante.

1. INTRODUÇÃO

A Alopecia por Diluição da Cor (ADC), também conhecida como Alopecia de Cor Mutante, é considerada uma dermatopatia de desenvolvimento hereditária e incomum. Ela é ocasionada devido ao acúmulo de melanina nos pelos relacionadas a cor que, conseqüentemente, interferem no seu crescimento. A alteração é mais comum em raças cruzadas para serem azuis ou castanho-amareladas, tendendo a “diluição” das cores preta e marrom, respectivamente (Hnilica; Patterson, 2018).

Os animais acometidos com a ADC nascem sem alterações. No entanto, entre 6 meses a 2 anos de idade, desencadeiam uma hipotricose progressiva de forma difusa na região dorsal do paciente, podendo ser uma rarefação total ou parcial. A queda de pelos acomete apenas os pelos de coloração diluída, ou seja, os pelos de coloração normais não são atingidos, permanecendo íntegros e fixos (Rhodes; Werner, 2014).

Apesar de se tratar de uma doença incomum na rotina dermatológica de pequenos animais, o diagnóstico não é complexo. O diagnóstico é baseado no histórico do paciente associado a área alopécica e realização de exames como raspado cutâneo, tricograma e o histopatológico, além dos exames que descartem possíveis diagnósticos diferenciais de infecções fúngicas ou bacterianas e doenças endócrinas. (Hnilica; Patterson, 2018; Plant, 2011; Rhodes; Werner, 2014).

¹Médicas Veterinárias, Poços de Caldas-Minas Gerais. E-mail: maira.franca@hotmail.com.

²Discentes do Curso em Medicina Veterinária, IFSULDEMINAS- *Campus* Muzambinho.

³Docente Orientador, IFSULDEMINAS- *Campus* Muzambinho. E-mail: diana.abrao@muz.ifsuldeminas.edu.br.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Paciente canino, *yorkshire terrier*, fêmea, 5 anos de idade, castrada aos 7 meses, foi conduzida à uma clínica veterinária particular na cidade de Poços de Caldas-MG após lesão ungueal. Ao passar por avaliação clínica, foi identificado alopecia em toda a região dorsal com melanodermia cutânea não pruriginosa e dermatite seborreica. Além disso, foi realizada a avaliação dermatológica para a pesquisa de dermatofitose com o auxílio da lâmpada de Woody, não verificando nenhuma resposta de fluorescência.

Segundo o histórico, a paciente foi adquirida de canil comercial com 30 dias de vida e apresenta controle de ectoparasitas, endoparasitas e imunoprofilaxia atualizados. O proprietário relatou que a paciente apresentava áreas de rarefação pilosa dorsal com início após um ano de idade, apresentando pelos opacos, ressecados e quebradiços e evoluindo em um período de até dois anos para uma alopecia completa na região dorsal, comprometendo toda a pelagem preta e poupando os pelos de coloração clara.

Na ocasião, refere ter passado por consulta em colega veterinário, não sendo possível identificar a causa e que, como não gerava prejuízo ao paciente, foi realizada suplementação com vitaminas, mas sem resposta ao tratamento. Foram solicitados exames de raspado cutâneo, citologia por *imprint*, tricograma e cultura fúngica. O proprietário não autorizou a realização de biópsia.

Figura 1- Evolução da ADC em canino. Filhote com 40 dias de vida apresentando coloração negra na maioria da pelagem (A); Cão com 1 ano de idade iniciando a rarefação pilosa dos pelos pretos (B e C); Canino atualmente com 5 anos apresentando alopecia total em região do dorso, ausência de pelagem negra e hiperpigmentação cutânea (D).



Fonte: do próprio autor (2024).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Não há homogenia entre os tipos de raça mais acometidas, sendo relatadas tanto em raças de pelo curto, quanto em raças de pelo longo. Da mesma forma, a ADC também já foi descrita em cães de pequeno porte e cães de grande porte. As raças mais comuns de ocorrência são o *Yorkshire Terrier*, *Dobermann Pinscher* azul e castanho, *Whippet*, *Saluki* e *Greyhound* (Hnilica; Patterson, 2018).

O diagnóstico é baseado no histórico, avaliação clínica, raspado cutâneo, tricograma e histopatológico e, em sua maioria, não apresentam alterações. No presente relato, a paciente realizou o raspado cutâneo, citologia por *imprint*, tricograma e cultura fúngica. Devido tratar-se de uma paciente jovem, os testes de T4 total, TSH e teste de estimulação com ACTH não foram realizados. Ademais, para não submeter o cão a procedimento cirúrgico, o tutor optou por não realizar a biópsia pelo bom prognóstico (Rhodes; Werner, 2014).

Inicialmente, os pelos de coloração diluída apresentam-se opacos, quebradiços e facilmente destacáveis da pele, diferente da pelagem de coloração comum que desenvolve normalmente. A ADC pode variar de seis meses a dois anos de idade. Devido a exposição cutânea, há casos de descamação excessiva e foliculite bacteriana secundária podendo gerar prurido e lesões na pele. No presente relato, a rarefação se iniciou ao primeiro ano de vida e no segundo ano já havia alopecia completa (Plant, 2011; Rhodes; Werner, 2014).

Ao exame de tricograma, a haste pilosa pode aparecer sem distinção entre córtex, medula e cutícula. Além disso, é possível encontrar acúmulos irregulares de melanina na região córtico-medular. No exame histopatológico, há acúmulo anormal de melanina nas células basais, epidérmicas e foliculares, além de melanófagos peribulbares. Também há dilatação dos folículos pilosos que podem ou não estar císticos, hiperqueratose folicular e ausência de cutícula (Hnilica; Patterson, 2018).

Não há muitas informações sobre a etiopatogenia, mas acredita-se tratar de uma alteração em genes que regulam a produção de melanina ou hormônio estimulante de melatonina. Existem estudos demonstrando que o gene de diluição da cor, responsável pela intensidade da pigmentação pilosa, possa estar envolvido. Porém, não sabem explicar porque há cães com cores diluídas que não possuem a ADC. Outras pesquisas demonstram que existem mutações no gene de melatofilina em cães acometidos com a ADC. Devido ao avanço dos estudos genéticos, as etiologias de diversas condições anômalas se alteram de acordo que progridem na área da medicina veterinária (Ferreira et al., 2007).

O principal diagnóstico diferencial da ADC é Alopecia do Pelo Preto. Porém, dermatofitoses, piодermites superficiais, doenças parasitárias e alopecias endócrinas como o hipotireoidismo, hiperadrenocorticismo e dermatoses causada por hormônio sexual também devem ser considerados (Hnilica; Patterson, 2018; Rhodes; Werner, 2014).

As Displasias Cutâneas Neuroectodermis Congênitas, também conhecidas como Displasia Folicular Ligada à Cor, são uma classificação criada para englobar as duas alterações hereditárias que acometem a pelagem de cães ligadas a cor: a Alopecia por Diluição da Cor e a Displasia Folicular dos Pelos Pretos (DFPP). Apesar de alguns autores acreditarem se tratar da mesma doença, apenas classificando-as em forma difusa (ADC) e forma localizada (DFPP) e os achados de tricograma e histopatológico serem semelhantes, possuem características distintas entre si (Ferreira et al., 2007).

Enquanto que a ADC ocorre em cães com idade entre seis meses a dois anos, a DFPP se inicia

ao primeiro mês de vida. Outra diferença entre as duas é que na ADC, as raças acometidas podem ser de coloração única ou serem bicolors e tricolors, podendo os pelos de coloração preta ou marrom serem os alterados. Já a DFPP, ocorre apenas em raças com no mínimo duas cores, sendo a porção de coloração preta, a única área afetada (Ferreira et al., 2007; Rhodes; Werner, 2014).

Em humanos há uma alteração semelhante conhecida como Síndrome de Griscelli. Ela é causada por um gene recessivo gerando hipopigmentação dos cabelos. Os pigmentos permanecem na base das hastes capilares e, com o acúmulo de melanosomas maduros nos melanócitos, as demais porções do fio permanecem despigmentadas. Diferente com que ocorre em cães, a doença não gera alopecia e pode ser acompanhada de outras alterações como hepatomegalia, esplenomegalia, deterioração neurológica progressiva e pancitopenia (Hnilica; Patterson, 2018).

Ainda não há tratamento específico que impeça a alopecia. Nos casos de doenças secundárias a exposição da pele como a piodermite, pode-se fazer uso de shampoos ceratomoduladores, antissépticos e emolientes para manter a hidratação e integridade na região alopecica. Guaguère e Rubiales-Degorge (2006) relataram o uso de melatonina considerando uma melhora parcial na reposição dos pelos em 50% dos casos, mas não souberam relatar o modo de ação do fármaco sobre a ADC. Apesar de não ter tratamento e a perda de pelos ser irreversível, o prognóstico é considerado bom e não influencia na qualidade de vida do animal (apud FERREIRA et al., 2007).

4. CONCLUSÃO

Conclui-se que, mesmo não sendo realizado o exame histopatológico, todo o histórico e resultado dos demais exames corroboram para considerar se tratar de um caso de Alopecia por Diluição da Cor. Apesar de ser considerada uma alteração atípica, visualmente impactante e sem tratamento, o prognóstico do paciente é considerado bom.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, R. R. et al. Displasias foliculares ligadas à cor da pelagem em cães: displasia folicular dos pelos pretos e alopecia por diluição da cor. **Acta Scientiae Veterinariae**, v. 35, n.1, p. 119-112, 2007.

GUAGUÈRE, E.; RUBIALES-DEGORGE, F. Alopécies génétiques. In : GUAGUÈRE, E.; PRÉLAUD, P. (Eds). **Guide Pratique de Dermatologie Canine**. Italie: Kalianxis, 2006.

HNILICA, K. A.; PATTERSON, A. P. **Dermatologia de Pequenos Animais**: atlas colorido e guia terapêutico. São Paulo: Guanabara Koogan, 2018.

PLANT, J. D. The Skin and Ear. In: PETERSON, M. E.; KUTZLER, M. A. (ed.). **Small Animal Pediatrics**: the first 12 months of life. Saint Louis: Elsevier, cap. 41, p. 436-442, 2011.

RHODES, K. H ; WERNER, A. H. **Dermatologia em pequenos animais**. São Paulo: Roca, 2014.